

ARTIGO

A importância da cultura material na revitalização das culturas indígenas: o caso de Meruri

Originando-se do amor, da humildade e da fé, o diálogo é uma relação horizontal da qual a consequência lógica é a confiança entre os participantes.

Cada objeto da cultura bororo, bem como a matéria prima com a qual é feito estão intimamente ligados ao seu mundo mítico ritual e por isso mesmo não podem ser vistos fora de um contexto carregado de sacralidade. Considerar qualquer objeto desta cultura como meramente material seria condená-lo ao esquecimento, isolá-lo da vida, destruí-lo juntamente com toda sua história. Aliás, nenhum objeto étnico pode ser visto pelo que parece ser, mas pelo significado que produz na sua relação e correlação com seu contexto cultural. No caso dos Bororo, os objetos são a expressão do ideal estético deste povo, o símbolo de individualização da etnia; são, portanto, um poderoso sistema comunicacional vivo com uma potencialidade sígnica indescritível.

As potencialidades deste sistema puderam ser testadas e confirmadas a partir de 1999 quando trouxemos para a aldeia de Meruri fotografias de cada objeto da etnia bororo pertencente à coleção do Museu Etnológico Missionário Colle Don Bosco. Na aldeia, os objetos deixaram de ser símbolos adormecidos de uma cultura distante para se transformarem em rastros, pistas, sinais, índices de textos culturais inscritos na história pelos ancestrais para que compreendessem o passado como algo capaz de interagir com a compreensão do presente, criando um momento cheio de esperança dentro da comunidade. Em um primeiro momento, as fotografias serviram de estímulo para pesquisa bibliográfica e a produção de textos na Escola de Meruri, depois, para a produção de objetos e a realização de ritos quase esquecidos¹, mais tarde, para a implantação de um Centro² de Pesquisa e Valorização da Cultura Bororo na aldeia, seguida da repatriação de uma pequena coleção de objetos³ que selou o diálogo entre o Museu do Colle e a aldeia de Meruri, região onde, no passado, a coleção foi coletada.

A partir da implantação deste Centro⁴ iniciamos oficinas de revitalização da técnica, nas quais a arte bororo foi exercitada e transformada em objetos de plumária, de tecelagem em algodão, de cestaria, de adornos corporais em madrepérola, de utensílios e armas. Além destas oficinas, foram realizados cursos de fotografia e vídeo nos quais os Bororo tiveram a oportunidade de perceber que as imagens fotográficas são captadas a partir do olhar do próprio fotógrafo e que, portanto, um registro da sua cultura seria muito mais verdadeiro se pudesse ser carregado do seu próprio saber e do seu próprio sentir. Paralelamente, o acervo de fitas cassete gravadas por Padre Ochoa durante mais de 20 anos começou a ser digitalizado para a divulgação e revitalização da música bororo.

A cada oficina, uma festa reunia jovens, velhos e crianças, munidos de um mesmo entusiasmo que parecia lhes devolver, além da técnica de se fazer objetos, a riqueza que começaram a perder desde o momento em que as necessidades materiais de outras culturas passaram a ser assimiladas. De fato, cada

um que ainda podia reconhecer ou que reaprendia a conhecer as insígnias⁵ de seu clã de origem estampadas nos objetos, exclamava orgulhoso: “este é meu; este é meu!”

“Na nossa cultura, *marigudo*, cada um tinha o seu e assim todo mundo era rico. Não tinha ninguém pobre. Nós só ficamos pobres depois que passamos a usar as coisas dos brancos. O Centro de Cultura aqui em Meruri está fazendo a gente aprender a lembrar daquilo que é nosso. Nossos enfeites são bonitos demais! Este arco que veio lá do Museu da Itália é bonito demais! Nós vamos fazer um igualzinho. Este *pariko*, mesmo da fotografia, eu nunca tinha visto igual. Eu já morei em *Piebaga* e nasci em Gomes Carneiro e nunca tinha visto um *pariko* enfeitado com cabelo . E eu fiz ele. Ta ai prontinho e nós agora sabe que ele existe. É nosso! Isto é muito importante porque nós tamos aprendendo para poder ensinar que nada morre quando se guarda uma semente qualquer. Essa semente tava la no museu da Itália e veio nascer aqui na aldeia e de agora para frente o novo substitui o velho igual um broto novo substitui um *kado svelho*.”

O Centro de Cultura de Meruri passou a ser o orgulho dos Bororo, lugar de reflexão e estudo, ponto de encontro e reencontro, de criação e produção. Abriu novas perspectivas pedagógicas para a Escola que está empenhada no propósito de que para educar não basta que se transfiram conhecimentos, mas que se criem possibilidades para sua construção. Tornou-se capaz de, por intermédio desses laboratórios, envolver a comunidade em um processo de pesquisa constante que reaviva a memória étnica e revitaliza a cultura. Assim, cria espaço e tempos diferenciados para novas aprendizagens coletivas e para novas trocas interculturais incentivando a realização de outras oficinas, como a dos “mutirões clânicos” que teve como objetivo exercitar a reciprocidade clânica ainda passível de ser vivida na aldeia, apesar da perda da sua estrutura original. Esses mutirões clânicos consistem em um projeto de reforma das casas da aldeia, que ofereceu aos Bororo as condições necessárias para eles próprios se ajudarem na reforma das casas, que passaram a ser de alvenaria desde o início da segunda metade do século passado. A partir da coleta de dados foi constatado que a maioria das casas tiveram ajudantes voluntários dos clãs da outra metade, o que revela a existência, ainda que velada, da antiga reciprocidade entre os *Ecerae* e *Tugarege*.

A constante observação das leis da reciprocidade por parte dos Bororo foi um dos aspectos que mais impressionou a maioria dos pesquisadores. Lèvi- Strauss, comparou a ordem social bororo a um “ballet em que as duas metades da aldeia se obrigam a viver e a respirar uma pela outra, trocando as mulheres os bens e os serviços numa fervente preocupação da reciprocidade”⁷. Uma das leis que manteve este ballet vivo e que ainda vigora entre os Bororo é o *Mori*. Entre as muitas acepções, *Mori* quer dizer presente, dádiva, reparação de danos causados, mimo. De acordo com a ética bororo todo e qualquer bem recebido, material ou não, exige uma indispensável retribuição.

O diálogo que permitiu ao Museo Etnológico Missionário Colle Don Bosco sair de seus muros para levar até Meruri a riqueza bororo contida em seu acervo, foi um bem que os Bororo precisavam e queriam retribuir. Por outro lado, o fato de os Bororo estarem vivendo um de seus melhores momentos

culturais, participar de uma exposição carregada de sua própria subjetividade, foi a maneira mais significativa que encontraram de agradecer a todas as pessoas envolvidas no processo de revitalização de sua cultura. A idéia desta exposição, na verdade, surgiu no momento em que os Bororo perceberam que haviam criado para seus objetos uma exposição na própria aldeia, capaz de falar de si, de sensibilizar sua gente. Quando viram a maravilha que eram seus objetos reunidos ali na Sala de Expressão de Cultura muitos deles não escondiam a emoção e diziam: “o que eu queria mesmo era poder mostrar para esses museus que têm nossas coisas que nós ainda vivemos aqui e que ainda podemos fazer tudinho de novo”. A partir da constatação desse desejo, não foi difícil pensar em uma exposição diferente que pudesse ser construída com a aprovação e participação de toda a comunidade de Meruri.

Enciumados dos objetos⁸ do museu que eles mesmos haviam construído na aldeia, preferiram produzir outros em novas oficinas especialmente para a mostra italiana. Os alunos da Escola de Meruri ficariam responsáveis pelos textos descritivos e pelos desenhos para a contextualização de cada objeto; a comunidade, pela confecção. As oficinas aconteceram em diversas etapas e foram organizadas dando prioridade ao trabalho prático, para só então partir para o trabalho com a Escola, pois assim, os alunos poderiam participar de todas as etapas, o que facilitaria a contextualização dos objetos.

Partiram primeiro da divisão dos serviços próprios para os homens e próprios para as mulheres, depois, da coleta do material, da secagem das palhas das palmeiras buriti e babaçu para a cestaria e do corte dos talos das folhas buriti para a construção dos dois *marido doge*, o *imedu* e o *aredu*.⁹ A rapaziada, orientada pelo senhor *Pariwua*¹⁰ e senhor Pedrinho, tiraram a casca dos talos de buriti e os cortaram em pequenos bastões; a criançada, sempre os meninos, carregava os bastões para serem armazenados na varanda do Centro de Cultura porque ali se encontravam os dois anciãos que deveriam amarrá-los. Enquanto esperavam, os anciãos teciam as folhas da mesma palmeira em cordões para amarrar os talos, uns justapostos aos outros, de maneira a formar uma longuíssima esteira que seria enrolada e amarrada para construir as duas rodas. Valmir, enquanto isto, tecia as saias de *toro*, folhas de babaçu. Este trabalho foi realizado durante vários dias, sempre num clima de muita descontração e entusiasmo.

Paralelamente, na companhia de seus filhos, as mulheres se dividiam em grupos: umas secavam as palhas no calor do fogo, outras colocavam ao sol, enquanto outras iam preparar o mate, se era hora do lanche, ou a comida, se era hora do almoço. Quando as palhas já estavam preparadas, começaram a tecer os *micigu*, bolsa de uso masculino e feminino, os *bakité* destinados a carregar mantimentos, o *aroe j'aro*, cesta funerária, os dois *baku doge*, o maior destinado a colocar o crânio de um morto e o menor destinado a cobri-lo depois de enfeitados com penas e plumas. Enquanto isto, as meninas aproveitavam as pontas das folhas mais novas para fazer *parikiboto*, uma espécie de leque de palha que usavam imediatamente para refrescar o calor e espantar os mosquitos. Para tecer as folhas já secas, as mulheres borrifavam água para amaciar ou colocavam para dormir no sereno. Cada objeto que ficava pronto era colocado ao sol para secar.

Realizadas essas oficinas é chegada a hora da plumária. Os objetos da plumária bororo (tida como uma das mais requintadas do mundo) possuem uma riquíssima combinação de cores e qualidade de penas e plumas que infelizmente não se pode mais encontrar na Reserva Indígena de Meruri. Dessa forma, sempre que promovemos uma oficina, primeiramente procuramos adquirir a matéria prima em outras regiões e às vezes até com outras etnias. Com esta não foi diferente, depois de conseguido o material, Betinho separou cuidadosamente as penas de arara para fazer os quatro *pariko*, diadema de penas de arara; Leonida sua mulher, selecionava as plumas menores e as penas de outras aves para a identificação dos clãs; Tolinho se preocupou em salvaguardar as penas para os *boe kiga*, pregos de cabelo, que deveriam ser colocados na cesta fúnebre; Auxiliadora precisava das penas de arara específicas para a tanga, cuja parte superior feita de uma tecedura de *akigu*, algodão, já havia sido preparada por Agostinho; Lidiane tecia a corda de algodão vermelho para a amarração do *kiogoaro* e a rapaziada extraía a seda das folhas de buriti para fazer as cordas para a amarração dos *pariko*; Dona Maria Bataro havia trazido uma porção de cabacinhas para a confecção dos *powari aroe* e precisava das penas certas para recobri-las segundo os seus clãs de primazia, mas para saber sobre isto foi necessária a ajuda do velho e sábio Antônio *Kanajó*, o mais idoso morador de Meruri.

Assim, obedecendo a uma organização própria, a oficina foi tomando forma e o que se ouvia eram somente comentários de satisfação e de curiosidade a respeito de qual seria a reação dos visitantes da Exposição diante daqueles objetos tão significativos e desejavam estar presentes para poderem ver. Obviamente não se podia pensar em levar até Gênova todos os Bororo que participaram das oficinas, mesmo porque foi quase uma aldeia inteira, mas alguns representantes seria possível. Assim, nasceu a idéia da realização de algumas oficinas monitoradas por um pequeno grupo de representantes da comunidade bororo de Meruri durante os dez primeiros dias da exposição. Mas a novidade não foi só esta. Muitos daqueles que desejavam ir e não podiam, conseguiram fazê-lo ao participar de imagens que expressam aspectos fundamentais da cultura.

Cada qual, então, preparou o que desejava falar e escolheu o lugar de onde seria filmado. Depois de dias e dias de trabalho era hora de pensar na produção dos textos e dos desenhos para a contextualização dos objetos. Preparamos, para isrto, duas outras oficinas diferentes. Estas, porém, realizadas com os professores e alunos da Escola de Meruri que denominamos Oficina de Criação e Desenho: “Contextualizando a cultura material bororo na aldeia de Meruri”.

Esta oficina fundamentou-se em dois aspectos importantes: a arte e a educação. A arte representada pela força ressignificadora da cultura material dessa etnia; e a educação vista como ato de conhecimento e de transformação social. Nesta perspectiva, pode-se incluir as reflexões de Edgar Morin, que critica a razão produtivista e a racionalização moderna, propondo a lógica da valorização do cotidiano, a vivência, o pessoal, a originalidade, o entorno, o acaso, os mitos e os ritos.

Optamos por trabalhar com as crianças de terceira, quarta, sétima e oitava séries do ensino fundamental da escola Sagrado Coração de Jesus, caracterizada, segundo o Ministério de Educação e

Cultura - MEC, como escola diferenciada, pelo fato de atender à população indígena da aldeia e por esse motivo trabalhar com professores índios. A escolha teve a intenção de promover a integração Escola e Centro de Cultura, ao mesmo tempo em que mostrou para os professores de Língua Bororo, Língua Portuguesa e Educação Artística uma possibilidade de tornar a aprendizagem mais significativa via transdisciplinaridade, reforçando a ação cultural dos objetos desta etnia no processo educacional.

Os objetos escolhidos para estruturar o tema da exposição eram muitos, para serem trabalhados no tempo que tínhamos disponível. Fizemos uma reunião com alunos e professores e escolhemos alguns de maior interesse para eles. A partir daí, saímos pela aldeia entrevistando os mais velhos. As crianças se revelaram excelentes jornalistas, imitando as entrevistas que assistem na televisão, prepararam perguntas para os mais velhos sobre os objetos e, acompanhados por Agostinho, Tolinho e Rosário, gravaram tudo e transcreveram sob a forma de produção textual. Os alunos questionavam desde a origem dos objetos até os dias atuais. Observaram que muitos haviam desaparecido, outros caíram em desuso e outros continuavam em plena atividade. Ouviram sobre mitos que foram recontados e atualizados. As crianças menores reunidas formavam frases sobre os objetos, cada uma queria fazer uma frase mais bonita que a outra. Adoraram pesquisar sobre o que não sabiam a respeito dos objetos na Enciclopédia Bororo. Quando se tratava de pesquisas que envolviam o Centro com seus objetos sobre os quais havíamos discutido tanto, a descontração tomava conta de todos. Os professores pareciam crianças, felizes em ver seus alunos aprendendo sobre a cultura, e que livres das paredes das salas da escola sentiam-se com muito mais autoridade para falar sobre sua cultura, para contar suas histórias, as histórias de seus ancestrais.

As meninas, acompanhadas de suas mães e avós, reconstruíram bonecas e os meninos refizeram as petecas com as quais brincaram longamente lembrando o passado. A última parte da oficina foi a sessão de desenhos, partindo das histórias que haviam criado. Foi um momento de muita concentração e troca de idéias, um dava sugestão para o outro, em relação à forma e às cores. A responsabilidade de saber que seus desenhos atravessariam o oceano para contar sobre sua cultura tornou-os compenetrados e curiosos. As meninas falavam entre si: “será que eles vão pensar que nós ainda usamos *ruguri*11?” E davam muitas gargalhadas. Não porque estavam desfazendo do costume das suas avós, mas porque, no fundo, sabem que, a maioria dos europeus ainda pensam nos índios brasileiros como seres exóticos e natingíveis. O “fazer” dessas oficinas, sobretudo para os jovens e crianças parece ter fundado uma nova pedagogia que cultiva a curiosidade e a criatividade, recupera a autoestima e devolve o prazer de se aprender em liberdade e o que é fundamental, abole as diferenças: Adultos e crianças trabalham no mesmo ambiente, cada qual fazendo o que deseja e aquele que não quer fazer, participa observando. Nesse ambiente, a técnica de ensinar lembrando os mitos¹² faz uma interrupção no tempo presente para fundar um tempo novo, tempo em que o conhecimento dos mitos abole as fronteiras entre o material e imaterial, humano e sobre-humano, natural e sobrenatural e constrói objetos plenos de significação.

Assim, descobrimos na prática e na reflexão sobre a prática de reconstruir contextualizando os artefatos uma forma de consolidar a criação de uma etnopedagogia que visa sobretudo, registrar e sistematizar experiências pedagógicas que aparentemente demonstram não necessitar de destaque, devido à simplicidade e ao seu caráter comum, mas que, no entanto, têm uma dimensão epistemológica significativa, na medida em que consegue ultrapassar as meras aparências e captar o significado mais profundo dos entes e dos fenômenos. Podemos dizer que um novo tempo se iniciou em Meruri, tempo que desmente a visão de que a apropriação do uso das novas tecnologias pelos povos indígenas seria negativa, revelando que essas tecnologias podem contribuir muito na revitalização da identidade bororo enfraquecida e torná-los assim apreciadores capazes de ressignificar aquilo que veem, pelo que percebem do olhar do outro, como num jogo de espelhos, no qual o mundo que se revela ganha novos significados.

As oficinas inauguram um novo tempo, tempo de descobertas que dão vida à operatividade da cultura bororo antes aprisionada nas vitrines dos museus, tempo que desperta os Bororo para o seu “ser cultural” devolvendo-lhes o direito de primazia, a verdadeira riqueza, que faz emergir dos objetos a sua face oculta, a que transcende a mera condição utilitária para revelar seu lado mágico e memorial, que transforma o passado em um presente cheio de esperança. O trabalho realizado em Meruri, enfim, faz ressoar o eco das vozes ancestrais que revelam o eterno retorno, que fundam o tempo trans-histórico determinante de uma nova perspectiva do olhar europeu sobre a América.

Notas

1 A produção de textos na Escola, que priorizou o conjunto de objetos pertencentes ao rito de nomeação, estimulou o acontecimento do rito durante o estudo.

2 Por escolha dos próprios Bororo o Centro foi inaugurado com o nome do missionário assassinado (1976) em defesa de suas terras, o alemão Padre Rodolfo Lunkenbein.

3 Os objetos repatriados fazem parte de um ritual chamado *MORI* que acontece no final do ciclo fúnebre no qual, depois de abatida uma onça, os objetos são confeccionados ritualmente e entregues à família enlutada para lhe servir de estímulo para que seus membros voltem a se enfeitar.

4 O Centro é formado de um arquivo para abrigar as obras e a documentos referente a cultura bororo, uma biblioteca, uma sala de vídeo, uma Sala de Expressão de Cultura⁴, local de produção e abrigo do acervo da cultura material e um laboratório de imagem e som para o registro de suas festas e rituais.

5 Todos os objetos bororo são blazonados com as insígnias de cada clã, por meio de plumas e cores de plumas.....

6 O que os Bororo pensam a respeito da supremacia da vida sobre a morte está inscrito no diálogo entre *Tori*, pedra e *Kado*, a taquara: Certa vez, conversavam *Tori e Kado*. *Tori* dizia que a vida humana deveria assemelhar-se à sua porque as pedras não se dobram ao vento, não sentem dor ou preocupação e *Kado* argumentou dizendo que a vida dos homens haveria de ser igual a sua porque ele se dobra ao soprar dos ventos mas dificilmente se rompe; morre, infelizmente, mas ressurgem nos seus brotos que, como os filhos dos Bororo, nascem com a pele mole e clara. *Tori* não soube o que responder

e foi embora.

⁷ Levi-Strauss. *Tristes Tropiques*. Lisboa: Edições 70, 1986, p.238.

⁸ Todos os objetos que se encontram nas cabanas/vitrines da Sala de Expressão de Cultura do Centro de Cultura de Meruri estão à disposição de seus possuidores clânicos para uso durante as festas e rituais

⁹ *marido imedo* quer dizer buriti grande ou buriti homem; *marido aredo* quer dizer buriti pequeno ou buriti mulher. O jogo que acontece sempre durante o ciclo fúnebre consiste no levantamento das rodas até a cabeça onde deve ser equilibrado durante uma dança. Aqueles que participam da prova são representantes das duas metades *Ecerae e Tugarege*, e, respectivamente, *de Itubore e Bakororo*, com a ajuda dos *aroe*, almas, homenageiam o morto que se encontra enterrado no centro da aldeia

¹⁰ Senhor Pedro *Pariwua Kaiabi* faleceu dias depois do término das oficinas em Meruri, fato que lamentamos muito porque, além de ser o único Bororo em Meruri que só falava em sua língua materna, era uma pessoa muito sábia, terna e participante.

¹¹ *Ruguri* é uma faixa feita de entrecasca amaciada de árvore que servia de calcinha ou de absorvente durante os ciclos menstruais das mulheres bororo.

¹² A maioria dos objetos da cultura bororo estão associados aos mitos que, por sua vez, vão revelar a sua primazia clânica.